

Samora Machel

«O imperialismo está a ser estrangulado»



O desafio de uma revolução vitoriosa que, nascida no campo, se instalou nas áreas urbanas; a herança colonial, os perigos da sociedade de consumo e o papel das forças armadas populares no processo de construção de uma nova sociedade, analisados pelo chefe de Estado moçambicano

Pouco depois da proclamação da independência de Moçambique (25 de Julho de 1975), Samora Machel deu uma entrevista exclusiva a *cadernos do terceiro mundo*, na qual abordou os principais temas e problemas que a Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique) teve de enfrentar quando assumiu o poder. Essa foi a primeira das várias entrevistas que o chefe de Estado moçambicano nos concedeu e, hoje, podemos constatar até que ponto as suas previsões se cumpriram plenamente.

Como encara o processo de instalação do Poder Popular em Moçambique, nestes primeiros meses de governo?

— Nós tínhamos definido como prioridade a extensão do poder político democrático a todo o território nacional. Temos a certeza de que só com a participação activa e consciente da população será possível acelerar a instalação do Poder Popular. A população não deve ficar à margem do processo. Para levar a cabo essa tarefa é preciso que existam estruturas a nível nacional, a nível estadual, distrital e municipal, para que as áreas mais remotas do país possam ser atingidas. Também é preciso interessar os elementos mais marginalizados durante todo esse tempo de colonialismo. É necessário que todos saibam que a reconstrução nacional depende da participação popular. Por isso, achamos que é fundamental o enraizamento das estruturas políticas no seio do povo.

Actualmente, é possível determinar a prioridade das tarefas. Nesse caso, qual é o nosso trabalho senão a continuação daquilo que fizemos ao longo de dez anos, quando participávamos na luta armada? As estruturas que criámos nas zonas libertadas durante os dez anos da luta de libertação nacional são as mesmas que devem orientar o governo e influenciar as zonas que permaneceram sob o domínio colonial até à independência ou, mais especificamente, até que o governo de transição assumisse o poder. A nossa experiência em Moçambique demonstra que o campo deve ter influência sobre a cidade e não a cidade sobre o campo.

Apoiar e apoiar-se no campo

A filosofia da Frelimo é apoiar e apoiar-se no campo. Quais foram as medidas concretas tomadas pelo seu governo para levar por diante essa filosofia?

— Já emitimos um decreto pelo qual a terra pertence ao povo. E temos a certeza de que quando a terra pertence ao povo existe já uma base concreta para tomar todo o tipo de medidas que forem necessárias. E, em segundo lugar, ao criar em Moçambique, através da nossa política, as Aldeias Comuns, nós estamos a contribuir para a resolução de quase todos os problemas da população camponesa.

Qual é o tipo de organização das Aldeias Comuns?

— Em primeiro lugar, no nosso país, com uma população dispersa, não é possível assegurar o desenvolvimento económico e social e a consciencialização política da população, fragmentada, dividida em pequenos núcleos. Com uma população espalhada é impossível aplicar uma política de aproveitamento dos recursos naturais. Seria empregar as nossas energias em objectivos imprecisos. Seria impossível aplicar programas e desenvolver uma organização. As nossas Aldeias Comuns constituirão um centro para o desenvolvimento económico. Um ponto de partida. Vejamos o exemplo dos nossos rios, que constituem uma grande riqueza nacional. Se resolvermos fazer canais e diques, para quem serão construídos? Em que direcção, se a população está dispersa? Acontece a mesma coisa com o projecto de electrificação, que é uma das prioridades do nosso governo. Precisamos ter a população agrupada e organizada. As Aldeias Comuns significam, para nós, povo organizado, povo com tarefas definidas e distribuídas, povo comprometido com a tarefa da reconstrução nacional e com o desenvolvimento da Nação. Isso tem muita importância para nós, pois só assim saberemos a quem devemos dar assistência médica, escola, por onde deverá passar a nossa estrada para transportar a produção. O nosso objectivo é instalar populações rurais, populações no campo.

Em bases colectivas?

— Sim, tudo em bases colectivas. A economia, a cultura, o desporto, tudo.

As transnacionais

Como encara o problema das transnacionais em Moçambique?

— Primeiro, é preciso pesar as forças do inimigo, avaliá-las. Conhecer a sua estratégia e o seu estilo de actuação, para depois atacá-lo. Não atacar pelo prazer de atacar, para que todo o mundo diga «já atacou o inimigo». Não. Deve-se ter a certeza de que quando se ataca é realmente para atacar e destruí-lo. Ter a certeza da vitória. É preciso estudá-lo, medir a sua força e decidir como atacá-lo: se realizar pequenos ataques ou um ataque de envergadura, para provocar uma crise. Porque as crises às vezes são necessárias...

Isso significa que neste momento se encontram ainda numa fase de definição da estratégia?

— Repetimos que a certa altura é bom provocar uma crise; isso ajuda a avançar.

lendo a história da Frelimo, ficamos impressionados ao verificar justamente como a sua direcção sempre tirou proveito das crises para acelerar os avanços nos diferentes níveis.

— Nós saímos sempre mais fortes de cada crise. Identificamo-nos mais, conhecemo-nos mais uns aos outros. A Frelimo cresceu de crise em crise.

O papel das forças armadas

Já que se está a falar de estratégia, poderia-nos dizer qual será o papel das Forças Armadas Populares de Libertação na etapa de reconstrução nacional?

— O nosso exército sempre foi a força de vanguarda. Foi sempre no seio do exército onde houve maior clareza ideológica. Nos momentos difíceis, foi no seio das forças armadas que nós encontramos elementos progressistas. Foram as Forças Populares de Libertação que sempre se souberam identificar com a linha da Frelimo, que compreenderam quais eram os objectivos do Partido. E compreenderam quais são os nossos amigos e quais são os nossos inimigos. Também entenderam o que é um amigo temporário e o que é um amigo permanente, assim como um inimigo imediato, um inimigo a longo prazo e um inimigo permanente.

As FPLM foram organizadas com uma estrutura adequada a um determinado tipo de guerra, que já acabou, pois foi obtida a independência. Como é que elas se irão adaptar às novas tarefas?

— Há uma nova missão, à qual se estão já adaptando. Há uma mudança de inimigo.

O inimigo agora é o imperialismo?

— Não. Em primeiro lugar são os reaccionários nacionais. Não é necessário procurar um inimigo distante quando aqui temos um dentro de casa. A definição genérica de imperialismo é muito vaga. É importante saber quais são os representantes do imperialismo: são as forças reaccionárias nacionais. Elas devem ser tratadas como tratamos o inimigo.

Os militares ocupam postos administrativos e partidários ou não?

— Actuam sempre nos dois terrenos: político e militar. Nós não temos uma actividade estritamente militar, é sempre político-militar. Ao dirigir estruturas militares, deve provar que sabe dirigir estruturas políticas. Provando que sabe dirigir estruturas políticas, demonstra que pode assumir a direcção da acção militar. Porque a estrutura militar é uma realização da nossa política. Não há estrutura militar sem estrutura política. Não há uma acção militar que não interprete uma acção política, que esteja separada da acção política.

A autocrítica e a reeducação

Para concluir, gostaríamos de conhecer o problema da prática da crítica e da autocrítica na Frelimo e o método da reeducação.

— Nós apelamos para a consciência. Para nós, qualquer julgamento tem implicações políticas, não constitui um crime em si. Submetemos alguém a uma crítica severa e depois obrigamo-lo a fazer autocrítica em público. Apelamos para a sua consciência.

Então, a autocrítica é feita depois de cada um reconhecer a sua culpa...

— Sim, honestamente e sem coacção. Recusámo-nos, durante a guerra, a usar castigos corporais. Usamos o desterro. O castigo físico diminui a capacidade intelectual do indivíduo. Recusámo-nos também a insultar os nossos inimigos no seio do exército.

Não existem na Frelimo insultos nem castigos corporais. Existe a crítica, que é muito séria. É tão séria que é possível que alguns até prefiram os castigos corporais.

E as prisões?

— Há prisões, mas nós não as chamamos de prisão. Não existe prisão. Nós chamamos reeducação.

E como se realiza esse processo de reeducação?

— Nas antigas áreas libertadas, com o povo e com a presença do comissário político. Conversam e discutem com o povo, inclusive durante semanas inteiras.

Já existem pessoas consideradas recuperadas para o processo?

— Claro. Alguns já estão com altas responsabilidades a nível de governo não obstante terem colaborado com o inimigo. □